

A POESIA DE MACHADO DE ASSIS

Antônio Pessoa Pereira

Comemorando-se, em 1989, os cento e cinquenta anos do nascimento de Machado de Assis, a Academia Cearense da Língua Portuguesa não poderia deixar de manifestar a sua profunda admiração por este clássico da língua cujas obras, modelos inexcitáveis de pureza e universalidade, continuam a atrair a atenção de quantos se debruçam sobre o conteúdo, a forma e originalidade de que se revestem, graças à admirável percepção crítica do "primeiro prosador da língua e maior e mais completo homem de letras do Brasil", no dizer de Afrânio Coutinho. (3)

Por feliz coincidência, no mês em que se comemora o aniversário de fundação do Ideal Clube, sou eu, mais uma vez, o palestrante da solenidade com que a Academia, em homenagem às duas datas, aceitou o convite para realizar a sua sessão mensal, no ambiente acolhedor desta prestigiosa agremiação sócio-cultural de Fortaleza.

Senhores Acadêmicos,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores,

Falar de Machado de Assis é tarefa que a muitos empolga não apenas pelo universalismo de sentimentos de que se vestem os personagens que ele enfoca quanto pela maneira castiça, estética e exata de que se vale para expressar, em seus romances, contos, crônicas, crítica, drama e poesia tudo o que lhe vai n'alma de esteta e na profundidade e perspicácia do analista incomparável e exímio pesquisador do homem e da sociedade.

Além disso, o que a todos encanta é a densidade e diversidade de manifestações literárias a que o portentoso escritor se dedicou e a

todas emprestou, com desmedida exuberância, o calor de uma inteligência de escola e o brilho de profunda e suprema intuição artística.

Em tudo que escreveu, se observa a preocupação do artista em deixar patente ou sutilmente disfarçado o borbulhar de sentimentos, as lições da vida, os contrastes da humana criatura como que em leve sintonia com o pensamento eciano expresso no célebre dístico:

“sobre a nudez forte da verdade,
o manto diáfano da fantasia”.

Imensa é a legião dos que, em trabalho intenso e de extraordinária garimpagem intelectual, se embrenham na obra do grande escritor a fim de lhe desvendar, extrair ou admirar segredos d'arte literária, belezas de concepção estética, profundidade do pensamento vigoroso, sutil e elegante.

Não é meu propósito, porém, e nem, para isto, me fora dado “engenho e arte”, (2) tomar a figura exponencial de Machado de Assis e estudar-lhe com proficiência desejada as múltiplas e ainda inesgotáveis facetas de sua extensa produção em prosa ou em verso.

Contentar-me-ei, apenas, em observar e transmitir os conhecimentos e ensinamentos hauridos em fontes peregrinas cujos autores palmilharam com carinho a obra poética do autor das *Ocidentais*.

Assim procedendo, pretenderia deixar transparente o pensamento de Manuel Bandeira para quem “Machado de Assis poeta tornou-se uma vítima de Machado de Assis prosador”. E, alargando mais o pensamento, continua o mesmo crítico: “Certamente a obra do romancista e do cronista distancia enormemente a do poeta. Advirta-se, porém, que há nas *Ocidentais* uma dúzia de poemas que têm a mesma excelente qualidade dos seus melhores contos e romances: “O Desfecho”, “Círculo Vicioso”, “Uma Criatura”, “A Artur de Oliveira, Enfermo”, “Mundo Interior”, a tradução de “O Corvo”, *Suave Mari Magno*, “A Mosca Azul”, “Spinoza”, “Soneto de Natal”, e “No Alto”, aos quais se pode juntar o soneto a Carolina.

Foi mesmo em alguns desses poemas, e especialmente em “Uma Criatura” que se anunciou o pessimismo irônico e o estilo nu e seco, toda a filosofia e toda a técnica da segunda fase do escritor”. (1)

Antes, porém, da abordagem que pretendo enfocar, permitam-me apresentar-lhes, como da mais alta relevância, o seguinte e estatístico depoimento de J. Galante de Sousa:

“Num balanço geral, que me foi possibilitado pelo levantamento bibliográfico, tão completo quanto possível, da obra machadiana, concluí que o poeta produziu nada menos de 278 poemas, num total nada inferior a 19.466 versos, incluindo-se as crônicas rimadas e as traduções. Verifiquei ainda que, na obra definitiva, (considerando como

tal aquilo que ele fez reimprimir, ou escreveu no fim da carreira literária), não aproveitou mais de 81 peças, ou sejam 6.554 versos. Rejeitou, portanto, quase dois terços, fato que se deve ao seu senso crítico apurado, rigoroso e imparcial". (8)

Em seguida, gostaria de, seguindo as pegadas do ensaísta, contista e romancista João Pacheco, tecer valiosas considerações sobre o pioneirismo de Machado de Assis, que, antes mesmo de o termo "parnasianismo" ser usual em nossa literatura, já o praticava e isto de maneira toda pessoal e nimamente brasileira.

Com efeito, João Pacheco, em "longo e admirável" capítulo dedicado exclusivamente a Machado de Assis, faz a seguinte afirmação: "Remanescente da última geração romântica, Machado de Assis (1839—1908), como poeta antecede os batedores da Nova Idéia e lhes sobrevive, vindo, com o desenvolvimento de sua atividade literária, a tornar-se contemporâneo dos parnasianos". (6)

Reiterando o mesmo pensamento, Péricles Eugênio da Silva Ramos acrescenta o seguinte: "A história da evolução poética de Machado de Assis é, de fato, a história de como abandonou o romantismo para tornar-se precursor e expoente de uma nova corrente literária, conhecida no Brasil como "parnasiana". "Assinale-se aqui, porém", conclui citado estudioso, "que o nosso parnasianismo não correspondeu exatamente ao parnasianismo francês, cujos ideais de objetividade, impassibilidade, senso plástico, colorido e pinturesco não apresentou como característico obrigatório". (7)

Segundo o mesmo autor, "o estilo parnasiano, em nossa terra, já estava constituído quando lhe foi colado o rótulo do movimento francês". E, um pouco mais enfático, acrescenta mais adiante: "e é até possível defender a tese de que o nosso parnasianismo teria vindo a existir, como estilo, mesmo que não tivesse havido a escola de Leconte de Lisle e o *Parnasse Contemporain*". (7)

O próprio epíteto *parnasianismo*, usado por Fialho de Almeida a propósito de Luís Guimarães Júnior e veiculado por Araripe Júnior desde 1882, só se generalizou por volta de 1886. Acontece que, por essa época, aduz o mesmo autor, "já se encontravam feitas e publicadas por Machado de Assis suas poesias *parnasianas* de *Ocidentais* como "Círculo Vicioso" (1878), "O Desfecho", "Uma Criatura", *Suave Mari Magno*, "A Mosca Azul", "No Alto" (1880), assim como "Sonetos e Rimas", de Luís Guimarães Júnior, editadas, também, em 1880, já apresentavam uma dicção parnasiana um tanto diversa da que ele externara em *Corimbos*". (7)

A influência de Baudelaire, desde 1872, em poetas brasileiros da época, ia de tal modo elaborando uma dicção nova — que não chegava a ser parnasiana, mas também não era mais romântica — que iria, com certeza, descambar no próprio simbolismo de Cruz e Sousa.

Machado, já em 1879, reconhecia que o romantismo estava morto. A poesia, por essa época, rotulada de *realismo*, *socialismo*, conagração de *lirismo e realismo*, *poesia Artur-de-Oliveira*, isto é: *nova*, era informada por autores franceses, que ditavam a moda, e por Artur de-Oliveira, que a difundira no Brasil desde 1870. Os rótulos eram um tanto díspares.

A poesia dita *realista*, com efeito, combatia o sentimentalismo romântico. No dizer do próprio Machado, ela seguia uma "estética de inventário", isto é: admitia tudo nas suas "descrições, inclusive as superfluidades". "A poesia *socialista*, porém, seguia a Idéia Nova, isto é, os ideais republicanos e anticlericais e a crença no progresso, na instrução, no bem-estar social, segundo o figurino positivista, e até, avulsamente, o comunismo". (7)

Um dos que exerceram influência preponderante na derivação do socialismo para o parnasianismo foi Machado de Assis. Com efeito, o crítico Machado de Assis opôs-se violentamente a Teófilo Dias e indiretamente a Fontoura Xavier, que aconselhavam o jovem estreante Alberto de Oliveira a seguir a poesia socialista. Machado, então, "no auge de sua força poética e crítica", no ensaio intitulado, "A Nova Geração" (1879), a propósito de um soneto em *Canções Românticas* em que Alberto de Oliveira termina com estes versos: "E, como tu, folheio a lenda dos gigantes, / E sei lhes dar também uma canção na lira", faz a seguinte ponderação: "O Sr. Alberto de Oliveira pode folhear a lenda dos gigantes; mas não lhes dê um canto, uma estrofe, um verso; é o conselho da crítica. Nem todos cantam tudo; e o erro talvez da geração nova será querer modelar-se por um só padrão". (7)

Alberto de Oliveira ouviu a crítica, pô-la em prática e, ao dar à luz o admirável livro *Meridionais* (1883), de extraordinária pureza parnasiana, teve como prefaciador o próprio Machado de Assis, que, fazendo alusão ao episódio, acrescenta que o autor deu ouvidos aos seus conselhos e os acatou.

É lógico, portanto, concluir-se que Machado de Assis foi "criticamente e com sua poesia um dos principais teóricos do nosso parnasianismo, cuja doutrina formal já vinha elaborando fazia tempo". Aqueles princípios comuns ao parnasianismo francês e ao nosso, como: cuidado métrico e rimático, correção gramatical, precisão vocabular, emprego adequado e moderado das figuras de pensamento, antes mesmo da rotulação da poesia nova como parnasiana, na década de 80, já tinham sido estabelecidos por Machado de Assis não só na apreciação de *Iracema*, como na carta que fizera a Alencar a propósito de Castro Alves, assim como no prefácio de *Meridionais* e pelo exemplo de sua própria poesia.

Está provado, além disso, que o parnasianismo de Machado de Assis não decorre da pregação parnasiana vinda da França, mas sim

da sua vivência com preceptistas clássicos, neoclássicos e do manuseio de manuais vulgarizadores de Retórica e de Poética.

Na formação do nosso parnasianismo exerceu papel de suma importância o *Tratado de Metrificação Portuguesa* (1851), de Antônio Feliciano de Castilho.

"Machado", afirma o Sr. Péricles Eugênio da Silva Ramos, "foi um dos primeiros poetas brasileiros a adotarem o *alexandrino clássico francês* com sua cesura obrigatória e aceitá-lo como único modelo, contrariamente ao alexandrino arcaico". (7) O uso persistente e exclusivo deste alexandrino na poesia de Machado se deve ao fato de Castilho, em seu *Tratado* fazer referência unicamente a este tipo de alexandrino. Machado absorveu-o e o empregou tanto, que mereceu de Antônio Feliciano de Castilho o epíteto de "príncipe dos alexandrinos".

Características da Poesia de Machado de Assis

"Dotado de personalidade literária" diz o abalizado crítico João Pacheco, "tem Machado de Assis, como romântico, sinete próprio, nunca se deixando arrastar pelos excessos da escola... mas mantendo uma linha de sobriedade em que não é difícil lobrigar a influência dos clássicos da língua, que costumava frequentar". (6)

"Tendo atravessado os estilos romântico, naturalista, parnasiano, simbolista", acrescenta o Prof. Afrânio Coutinho, "Machado de Assis logrou escapar dos rigores das escolas. Compreendendo-as todas muito bem, por havê-las estudado teórica e praticamente; tendo sedimentado a sua concepção literária pelo estudo da arte clássica de todos os tempos, soube manter-se equidistante, atravessando as escolas com independência, absorvendo o que de aproveitável cada uma oferecia, sem se deixar levar pelos excessos, que deformam a sadia visão artística e prejudicam a realização de uma obra de significação perene e universal". (3)

Como poeta, portanto, sua musa, sem arroubos de eloquência, sem excessivo derramamento sentimental, é sóbria e dentro dos clássicos padrões de pureza da língua. Se o verso é, às vezes, monótono e comedido na imaginação, como em "Musa Consolátrix":

Que a mão do tempo e o hálito dos homens
Murchem a flor das ilusões da vida,
Musa consoladora,
É no teu seio amigo e sossegado
Que o poeta respira o suave sono,

(Crisálidas)

apresenta-se, em outros passos, "Visio", flexível quanto ao ritmo, e até, quanto ao sentido, no dizer de Manuel Bandeira: "é curiosa a nota sexual da segunda estrofe, a mais franca de toda a obra do escritor": (1)

Depois, naquele delfrio,
Suave, doce martírio
De pouquíssimos instantes,
Os teu lábios sequiosos,
Frios, trêmulos, trocavam
Os beijos mais delirantes,
E no supremo dos gozos
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes...

(Crisálidas)

Embora, por índole, propenso à objetividade, Machado apresenta-se, no entanto, referto de imagens delicadas e forma graciosa, sobretudo em poesias de metro curto, como:

Sinhá

Nem o perfume que expira
A flor, pela tarde amena,
Nem a nota que suspira
Canto de saudade e pena
Nas brandas cordas da lira;

.....
Nem esta saudade pura
Do canto do sabiá
Escondido na espessura,
Nada respira doçura
Como o teu nome, Sinhá!

(Crisálidas)

Outras vezes, seu estro, puro, simples e ameno nos brinda com este mimo de poesia, cujo refrão, em ordem de rimas uniforme, se casa com rimas alternadas e variadas de quadra a quadra:

Quando ela fala

Quando ela fala, parece
Que a voz da brisa se cala;
Talvez um anjo emudece
Quando ela fala.

Meu coração dolorido
As suas mágoas exala.
E volta ao gozo perdido
Quando ela fala.

(Falenas)

Sensível à beleza palpável, Machado, poeta, revela-se objetivo em poemas como "Manhã de Inverno", onde afloram, a esmo, versos de admirável beleza pictórica:

Coroadas de névoas surge a aurora
Por detrás das montanhas do oriente;
Vê-se um resto de sono e de preguiça
Nos olhos da fantástica indolente.

.....
Gelo não cobre o dorso das montanhas,
Nem enche as folhas trêmulas a neve;
Galhardo moço, o inverno deste clima
Na verde palma a sua história escreve.

(Falenas)

Mestre em temática reflexiva, cujo desaguadouro natural serão as *Ocidentais*, Machado de Assis, no entanto, já nos deixa entrevê-la em poemas de *Crisálidas*, *Falenas* e *Americanas*, como em:

O Verme

Existe uma flor que encerra
Celeste orvalho e perfume.
Plantou-a em fecunda terra
Mão benéfica de um nume.

Um verme asqueroso e feio,
Gerado em lodo mortal,
Busca esta flor virginal
E vai dormir-lhe no seio.

Morde, sangra, rasga e mina,
Suga-lhe a vida e o alento;
A flor o cálix inclina;
As folhas, leva-as o vento.

Depois, nem resta o perfume
Nos ares da solidão...
Esta flor é o coração,
Aquele verme o ciúme.

(Falenas)

Pois bem, embora transpareçam nas obras há pouco citadas, excelentes demonstrações de poemas cuja carga lírica e vigor formal nos parecem visíveis, acha Manuel Bandeira que, de tudo isto, Machado de Assis "deixaria na memória geral dois versos de um poema que foi excluído das *Falenas* na edição das *Poesias Completas*:

*Entreaberto botão, entrefechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher". (1)*

Para ele, esta síntese da menina dos 15 anos constitui uma "deliciosa imagem da puberdade que creio não morrerá nunca em nossa poesia". (1)

Parodiando o próprio Machado, que, numa advertência do prefácio das *Poesias Completas*, em 1900, dissera que, de seus colegas de adolescência, "exceto Casimiro de Abreu, nenhum se salvou", conclui o crítico Bandeira: "Machado, poeta, estou que não se salvaria também, nem com essas *Crisálidas*, nem com as *Falenas* (70), nem com as *Americanas* (75)". (1)

Em outras palavras, Bandeira acha que o que Machado de Assis produziu até aqui não é de tal monta que lhe confira os foros de poeta excepcional.

A poesia conceituosa, porém, de cunho reflexivo e de inegável mestria de forma, como já ressaltai, esta sim, terá plena transparência em *Ocidentais*.

É nesta obra que o autor se nos apresenta profundo no pensamento, sutil na expressão, equilibrado e pleno de finura, de par com extraordinária capacidade de reflexão. Detalhe importante na obra é o fato de Machado de Assis valer-se de recurso estilístico de menor valor em Poética e Retórica: a construção antitética. Segundo Eugênio Gomes, citado por Péricles Eugênio da Silva Ramos, parece que a insistência da antítese deve-a Machado de Assis a Victor Hugo de quem fora o tradutor de *Trabalhadores do Mar*.

De *Ocidentais*, obra-prima poética do autor, destacaremos, em síntese, como amostragem de sua arte de bem poetar, apenas alguns poemas mais conhecidos, como o "Círculo Vicioso", tão do nosso agrado e recheado de vigorosas e cerradas antinomias, das quais a maior está na grandeza do sol e na mesquinhez do "inquieto vaga-

lume". Compendo-o quis o escritor irônico focalizar o desencanto universal da criatura humana perante a vida, na realidade, tão desigual:

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
— "Quem me dera que fosse aquela loura estrela,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!"

.....
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

— "Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...
Por que não nasci eu um simples vagalume?"

O segundo poema, em que transparece a "paradoxal força de destruição da vida", (1) refletindo o pessimismo irônico do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é "Uma Criatura":

Sei de uma criatura antiga e formidável,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a sofreguidão da fome insaciável.

.....
Traz impresso na fronte o obscuro despotismo;
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e de egoísmo.

.....
Pois essa criatura está em toda a obra
Cresta o seio da flor e corrompe-lhe o fruto;
E é nesse destruir que as suas forças dobra.

.....
Ama de igual amor o poluto e o impoluto;
Começa e recomeça uma perpétua lida,
E sorrindo obedece ao divino estatuto.
Tu dirás que é a Morte, eu direi que é a Vida.

O terceiro poema: *Suave Mari Magno*, escrito em versos de 4 a 7 sílabas e tendo como título as palavras iniciais de um verso de Lucrécio (*De Natura Rerum* II, 1), expressa a satisfação de quem se julga imune aos perigos a que outros se acham expostos, ou, como entende Augusto Meyer, se nos detivermos em sua leitura, "sentimos o vertiginoso e amargo Machado, atraído tantas vezes pelo espetáculo da crueldade e a dois passos do sadismo". (5) No entender de Lúcia Miguel Pereira, Machado de Assis, compondo o soneto, pensava em si mesmo prostrado na rua, com ataque de epilepsia. *Se non è vero*, parece-nos, *è bene trovato*...

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

O quarto poema, que Augusto Meyer chama-o "misterioso e fascinante" (5) e que Alceu Amoroso Lima conceitua-o como "página genial, soberba, sombria e solitária", é "No Alto". (4)

Nele se acha impressa, em forma concisa e profunda, a "filosofia negra da vida", (4) exprimindo tragicamente a "melancolia da velhice" (1), complementa Manuel Bandeira.

O Poeta chegara ao alto da montanha,
E quando ia a descer a vertente do oeste,

Viu uma cousa estranha,
Uma figura má.

Então, volvendo o olhar ao subtil, ao celeste.
Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,

Num tom medroso e agreste
Pergunta o que será.

Como se perde no ar um som festivo e doce,

Ou bem como se fosse
Um pensamento vão,

Ariel se desfaz sem lhe dar mais resposta.

Para descer a encosta
O outro estendeu-lhe a mão.

Estes e outros poemas de as *Ocidentais* como: "A Artur-de-Oliveira, Enfermo", "A Mosca Azul", "Soneto de Natal", "temas que cristalizam as melhores energias poéticas do Mestre", constituem, no dizer de Manuel Bandeira, "os mesmos temas das obras-primas no romance e no conto". (1)

Conclusão: No entanto, a imagem do grande escritor e exímio esgrimista do verso, cujos traços essenciais apenas bosquejei, ficaria inacabada se a ternura e delicadeza que lhe iam n'alma, na síntese magnífica do meigo e encantador soneto "A Carolina", não constituíssem o epílogo de tudo que tentei dizer do homenageado desta solenidade:

A CAROLINA

QUERIDA, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apeteçada
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Fortaleza, 30 de setembro de 1989

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BANDEIRA, Manuel. *O Poeta*. In: Machado de Assis. *Obras Completas*. 3.v. Rio de Janeiro, Aguilar, v.3., 1985.

2. CAMÕES, Luís de. *Os Lustadas*. In: *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.
3. COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis na Literatura Brasileira*. Estudo Crítico. In: *Machado de Assis. Obra Completa*. 3v. Rio de Janeiro, Aguilar, v.1., 1985.
4. LIMA, Alceu Amoroso. "Migalhas Inéditas". In: *Autores e Livros*, Suplemento Literário de *A Manhã*, vol. I, n.º 7, apud RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Machado de Assis - Poesia*. Rio de Janeiro, AGIR, p. 96, (Coleção Nossos Clássicos, n.º 82), 1964.
5. MEYER, Augusto. *De Machadinho a Brás Cubas*. In: *Revista do Livro*, órgão do Instituto Nacional do Livro, n.º 11. Apud RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Machado de Assis — Poesia*. Rio de Janeiro, AGIR, p. 96, (Coleção Nossos Clássicos, n.º 82), 1964.
6. PACHECO, João. *Precursor e Contemporâneo: Machado de Assis*. In: *O Realismo*. v.3. São Paulo, Cultrix, (Coleção A Literatura Brasileira, 5.v.), 1968.
7. RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Machado de Assis — Poesia*. Rio de Janeiro, AGIR, (Coleção Nossos Clássicos, n.º 82), 1964.
8. SOUSA, J. Galante de. *Machado de Assis, Poesia e Prosa*, Editora Civilização Brasileira S/A, S. Paulo, 1957. Apud RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Machado de Assis — Poesia*. Rio de Janeiro, AGIR, p. 97, (Coleção Nossos Clássicos, n.º 82), 1964.